

Julia Marquez Zago

Entre “esperas”: a experiência emocional de mães de crianças autistas

Uberlândia

2022

Julia Marquez Zago

Entre “esperas”: a experiência emocional de mães de crianças autistas

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Tachibana

Uberlândia

2022

Julia Marquez Zago

Entre “esperas”: a experiência emocional de mães de crianças autistas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Tachibana

Banca examinadora

Uberlândia, 29 de Março de 2022

Profa. Dra. Miriam Tachibana

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Anamaria Silva Neves

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2022

Dedico esse trabalho às mulheres-mães, principalmente àquelas que se encontram no campo do autismo e que vivem diariamente as vicissitudes dessa maternidade.

Agradecimentos

Ao longo de toda a minha vida meus maiores agradecimentos são aos meus pais, as pessoas que mais me apoiam, me acolhem e me impulsionam a ser uma mulher cada dia mais forte, resiliente e dedicada. Aos dois que me fortalecem cada dia mais para que eu possa trilhar meu caminho e acreditar na minha capacidade. Agradeço ao amor, à confiança e à dedicação da minha família, que tornam os momentos da vida mais leves e especiais, e principalmente com muita alegria.

Agradeço imensamente à minha orientadora Miriam, por todo o acolhimento, carinho e dedicação ao processo percorrido por nós durante a pesquisa, me apresentando as virtudes e alegrias da realização desse trabalho. Minha admiração pela professora que sempre me ensinou muito, e que, com delicadeza, sempre me colocou diante diferentes perspectivas de pensar e interpretar, me apresentando possibilidades de raciocínio clínico.

Gostaria de agradecer, também, à instituição em que foram realizados os contatos com as participantes, por toda a receptividade e esforço conjunto para que fosse possível a realização da pesquisa. Agradeço às mães que foram escutadas durante o trabalho e por toda a troca que tivemos nos encontros. Meu completo respeito à essas mulheres.

“As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender.”

Elena Ferrante

Resumo

Nos últimos dois anos, as pessoas se viram diante drásticas mudanças em suas rotinas, devido ao isolamento social, provocado pela pandemia da COVID-19. Dentre os vários grupos sociais cujas vidas foram atravessadas pelo confinamento doméstico na presente pesquisa, buscou-se investigar a experiência emocional de mães de crianças autistas, refletindo sobre suas vicissitudes com relação ao cuidado dos filhos durante o momento pandêmico. A pesquisa contou com sete participantes, mães de crianças autistas que frequentam uma instituição especializada em autismo na cidade de Uberlândia. A partir do método psicanalítico foram realizadas entrevistas psicológicas individuais, na modalidade remota, mediadas pela apresentação de uma narrativa interativa, com o objetivo de favorecer a associação das participantes sobre o tema de pesquisa. A partir de cada entrevista foi redigida uma narrativa transferencial pela entrevistadora, sendo que o conjunto das narrativas transferenciais e dos desfechos das narrativas interativas foi analisado segundo a Teoria dos Campos. Logo, foram identificados dois campos intitulados “Esperam que eu faça/seja tudo” e “À espera do novo normal”. O primeiro discorre sobre a cobrança social em cima das mães, o que acaba acentuando nelas o sentimento de desamparo dentro e fora de suas casas. O segundo concerne à (des)esperança dessas mulheres de que algo se interponha entre elas e seus filhos, nesse quadro de duplo confinamento. Concluímos que, mesmo com o afrouxamento das medidas de isolamento social, o corpo feminino segue em relativo confinamento doméstico, demandando o olhar atento e sensível da comunidade psicológica.

Palavras-chave: pandemia; autismo; maternagem.

Abstract

In the last two years, people have been faced with drastic changes in their routines, due to social isolation, caused by the COVID-19 pandemic. Among the various social groups whose lives were traversed by domestic confinement, in the present research, we aimed to investigate the emotional experience of mothers of autistic children, during the pandemic moment. The research had seven participants, mothers of autistic children who attend an institution specialized in autism in the city of Uberlândia. Through the psychoanalytic method, individual psychological interviews were carried out, in the remote modality, mediated by the presentation of an interactive narrative, with the objective to facilitate the association of the participants on the research topic. From each interview, a transference narrative was written by the interviewer, and the set of transference narratives and the outcomes of the interactive narratives were analyzed according to the Theory of Fields. Soon, two fields were identified entitled “They expect me to do/be everything” and “Waiting for the new normal”. The first discusses the social pressure on mothers, which ends up accentuating the feeling of helplessness inside and outside their homes. The second concerns the (lack of) hope of these women that something will come between them and their children, in this context of double confinement. We conclude that, even with the relaxation of social isolation measures, the female body remains in relative domestic confinement, demanding the attentive and sensitive regard of the psychological community.

Keywords: pandemic; autism; mothering.

SUMÁRIO

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
Ia. A experiência materna no campo do autismo	4
Ib. Pandemia e a maternagem da criança autista.....	7
II. MÉTODO	10
III. RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
IIIa. “Esperam que eu faça/seja tudo”	15
IIIb. “À espera do novo normal”	24
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
V. REFERÊNCIAS	35

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ia. A experiência materna no campo do autismo

A ideia inicial dessa pesquisa era a de investigar a experiência emocional materna no campo do autismo, dada a compreensão de que o exercício da maternagem quando se tem uma criança autista se torna ainda mais complexo. Mas, diante do cenário da pandemia, notamos que não bastaria estudar sobre maternidade e autismo; fazia-se necessário olhar para a ressonância da pandemia na vivência de mulheres cujos filhos são autistas. Desse modo, esse estudo foi sendo construído pensando na interlocução entre esses três temas: maternidade, autismo e pandemia.

Para nos ajudar a pensar sobre eles, contamos com uma interlocução próxima com o psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, que, apesar de não ter falado sobre pandemia, desenvolveu uma vasta obra sobre a importância do ambiente no desenvolvimento emocional, em especial sobre o ambiente materno no desenvolvimento psíquico do bebê. Em sua obra, Winnicott traçou um paralelo entre os aspectos psíquicos do recém-nascido e os aspectos psíquicos da mãe, apontando que a mulher experimenta uma espécie de interferência em sua continuidade de ser pessoal, durante um certo período, passando a existir como uma continuidade para o seu bebê, continuidade essa tão necessária para que se dê a sua constituição psíquica tão primitiva (Araújo, 2003a).

A essa interrupção na continuidade de ser pessoal da mulher, Winnicott (1956/2000) denominou de preocupação materna primária. Segundo ele, entre o final da gestação e as primeiras semanas de vida do bebê, a mulher seria atravessada por um estado emocional peculiar, em que ela se desinvestia das outras esferas de sua vida, identificando-se maximamente com o seu bebê. Por conta dessa condição especial, ela conseguiria estar em sintonia às necessidades do bebê, ofertando-lhe um cuidado altamente adaptado.

Esse cuidado materno altamente adaptado iria justamente ao encontro daquilo o que o bebê, tão absolutamente dependente do ambiente nesses primórdios da vida, demandaria. Assim, o colo ofertado pela mãe, para além de uma mera sustentação física, equivaleria a uma sustentação psíquica, favorecendo a sua continuidade de ser, culminando num estado de integração (Guedes, 2012). Em outras palavras, o *holding* ofertado pela mãe viabilizaria que o bebê pudesse experienciar o ambiente como um lugar confiável e seguro, isto é, como um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1965/1993).

Caso o bebê, num avesso, enfrentasse falhas ambientais nessa fase de dependência absoluta, dada a sua extrema fragilidade psíquica, elas seriam vivenciadas por ele como agonias impensáveis que provocariam uma interrupção da sua continuidade de ser (Winnicott, 1965/1983). Desde essa perspectiva, uma hipótese de Winnicott para o desenvolvimento do autismo era a de que falhas ambientais experienciadas nesses primórdios da vida teriam comprometido o desenvolvimento psíquico do bebê:

De acordo com a teoria winnicottiana das psicoses, o ambiente falha no fornecimento da provisão básica ao bebê, o que faz surgir uma agonia imensa, uma angústia impensável, contra a qual o bebê organiza-se defensivamente. No autismo, essa defesa é a invulnerabilidade, que o protege de reviver a agonia (Araújo, 2003b, p.148).

Assim, na perspectiva psicanalítica winnicottiana, o autismo relaciona-se a perturbações significativas nas fases iniciais do amadurecimento emocional, que teriam culminado numa proteção e defesa contra a vulnerabilidade através de um recurso primitivo: o isolamento (Araújo, 2003b).

Num primeiro momento, seria possível, a partir de uma leitura apressada, compreender que Winnicott estivesse culpabilizando as mães pelo quadro autístico da criança, de maneira análoga a outros psicanalistas que, por conta de suas teorizações acerca da etiologia do autismo, foram criticados pelos pais de crianças autistas (Ferreira,

Costa, & Couto, 2018; Guimarães & Tachibana, 2021). Entretanto, é importante lembrar que o psicanalista inglês sempre discorreu, em sua obra, que o cenário ideal seria aquele em que o bebê se sentisse emocionalmente amparado pela mãe que, por sua vez, também precisava sentir-se emocionalmente amparada pelo entorno, para poder inclusive experimentar a preocupação materna primária (Winnicott, 1965/1993). Nesse sentido, Winnicott compreendia que a mãe se encontrava em um estado de vulnerabilidade emocional semelhante ao do bebê, de modo que, para que ela fosse capaz de ofertar o *holding* ao bebê, era necessário que ela contasse com *holding* para si mesma, conseguindo de fato cumprir com a complexa tarefa de ser uma mãe suficientemente boa (Araújo, 2003a). Esse ambiente de sustentação para as mães seria, a priori, segundo Granato e Aiello-Vaisberg (2002), aquele ofertado não apenas pela figura paterna e demais familiares da família extensa, mas, também, pelos profissionais envolvidos e pela sociedade de maneira geral.

Assim, na obra winnicottiana, o autismo infantil não se resumia de modo grosseiro a falhas maternas. Pelo contrário, tal condição psicopatológica infantil levava o autor a inquietar-se com a falta de suporte ambiental que a mãe poderia estar experienciando, tanto que ele próprio alertava os profissionais acerca do fato de que, por trás de uma criança com o diagnóstico de autismo, havia também pais sofrendo intensamente, seja por decepção, seja por culpabilização (Winnicott, 1966/1996).

Na atualidade, vemos cada vez mais estudos dedicados ao sofrimento emocional das mães de crianças com diagnóstico de autismo, tanto em função da percepção de que se trata de uma maternidade dificultosa por conta das necessidades aumentadas da criança (Zavaglia, 2020), quanto devido à compreensão sensível de que tais mulheres se veem diante uma situação angustiante devido ao distanciamento entre o objeto ideal e o objeto real (Coelho & Prudente, 2019). Por mais que se saiba que, em todo caso, “a realidade

nunca corresponderá ao que foi fantasiado” (Ferreira et al., 2018, p. 438), como bem pontuam Almeida e Neves (2020b), existe um estranhamento dos pais em relação à criança autista que pode levá-los a um campo de paralisia frente ao diagnóstico de autismo, surgindo aí a necessidade de intervenções que auxiliem os pais a sonharem novamente com essa criança.

Entende-se, assim, que a experiência emocional materna diante do autismo é extremamente complexa, uma vez que as mães acabam se deparando com algo radicalmente desconhecido e imprevisível (Smeha & Cezar, 2011), o que pode levá-las a experienciar a relação com o próprio filho no sentido de descontinuidade (Dester, 2015). No presente trabalho, partindo da compreensão de que a maternidade não atinge todas as mulheres da mesma forma, variando em função das desigualdades sociais e raciais e, inclusive, do desenvolvimento atípico da criança (Zavaglia, 2020), voltamos o nosso olhar à experiência emocional de mães de crianças autistas.

Ib. Pandemia e a maternagem da criança autista

No início do ano de 2020, a população mundial se viu diante de uma situação com potenciais traumáticos e devastadores, causada pela COVID-19, uma doença altamente infecciosa e com um poder de contaminação elevado. Identificada primeiramente na China, a doença se alastrou rapidamente pelos seis continentes do mundo, de modo que, no dia 11 de março de 2020, foi emitida a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) de que se tratava de uma pandemia. Diante dessa situação, foram decretadas diversas medidas de proteção e diminuição da propagação do vírus, sendo uma das principais ações o isolamento social, fazendo com que, nos últimos dois anos, diversas atividades fossem suspensas, em suas formas presenciais, como as escolas, atividades esportivas, algumas clínicas de saúde, entre outros.

Embora todas as crianças tenham sentido os efeitos dessas medidas de isolamento impostas pela pandemia, vale refletirmos se esses não teriam sido ainda mais devastadores para aquelas diagnosticadas como autistas. Apesar do dia a dia de todas as crianças ter sido afetado com a interrupção dos serviços de educação, lazer e assistência, ela teria sido mais agravante nos casos de crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade, sejam elas sócio-econômicas, sejam elas psíquicas (Betti, 2021).

Sabemos que, para as crianças autistas, as experiências externas têm potencial de serem sentidas como invasivas e disruptivas ao *self* (Gonçalves, Silva, Menezes, & Tonial, 2017), tanto que, não raro, elas recorrem às estereotípias como forma de encontrarem uma proteção frente à insegurança provocada pelos estímulos externos. Assim, compreende-se que as crianças autistas sejam bastante sensíveis às mudanças e alterações em seu dia a dia, demandando um ambiente que se mostre previsível e constante (Brito, Almeida, Crenzel, Alves, Lima, & Abranches, 2020).

Nesse sentido, é possível pensar que, embora a criança autista tenha como marca psíquica principal o isolamento, não necessariamente as medidas de isolamento foram vividas por ela como ações que conjugassem com o seu movimento de maior retraimento. Conforme Andrade, Nascimento, Ponte, Barros e Rodrigues (2021), o confinamento doméstico acabou impondo uma nova forma de viver, modificando a rotina das famílias e as suas relações sociais. Barbosa, Figueiredo, Viegas e Batista (2020) refletem:

Logo, o rompimento de padrões de comportamento e sua rotina estabelecida causam momentos de irritabilidade e intolerância por parte da pessoa com autismo. Portanto, implementar novas habilidades e adaptá-lo a novas rotinas de comportamento são trabalhos árduos que demandam tempo, compreensão, esforço, amabilidade, repetição e dedicação (Barbosa et al., 2020, p.101).

Para além de uma mera questão de mudança rotina, Andrade et al. (2021) problematizam que o isolamento social impediu os movimentos de ida e vinda, saídas

para escolas e outras casas, reforçando a falta de mediação por parte de terceiros, isto é, a falta de uma alternância simbólica tão significativa na constituição do sujeito.

Não apenas o confinamento doméstico teria sido bastante complexo para a criança com diagnóstico de autismo, como também para a mãe. Mesmo sem a questão do autismo em pauta, entende-se que o papel da mãe se intensificou nesse período, uma vez que a presença e a estadia da criança em casa se tornaram ininterruptas, aumentando a sua carga de atividades executadas em casa, intensificando ainda mais a dupla jornada daquelas que trabalhavam (Aiello-Vaisberg, Gallo-Belluzzo, & Visintin, 2020). Com a questão do autismo sendo incluída, Fortes, Vieira e Machado (2020), que fizeram um estudo comparativo entre cuidadores de crianças e adolescentes com e sem autismo durante a pandemia, notaram que essa problemática ficou ainda mais agravada, uma vez que os cuidados exigidos no quadro de autismo, que eram compartilhados anteriormente com uma rede de apoio, na pandemia, passaram a ser de responsabilidade exclusiva dos cuidadores, o que os levou a uma situação de maior vulnerabilidade emocional.

Para além da questão da sobrecarga de tarefas, Barbosa et al. (2020) descortinam o sentimento de angústia dos pais diante essa ruptura dos processos de intervenções e mediações externas, já que a criança autista estava em pleno processo de maturação e de aprendizagem, surgindo assim o receio de que a não estimulação dessas particularidades pudesse culminar em retrocessos e atrasos na aquisição de certas capacidades.

Assim, pensamos que, embora a pandemia possa ser considerada, para a população geral, como uma situação de desastre, despertando sentimentos profundos de angústia, impotência e imobilidade desnorteadora (Silva & Bleicher, 2020), caberia refletir mais detidamente sobre a experiência emocional de mães de crianças autistas

nesse período de pandemia. Afinal, elas teriam tido que enfrentar um duplo desafio: o da suposta epidemia do autismo¹ e o da pandemia da COVID-19.

Após ter sido realizado um breve levantamento bibliográfico sobre a experiência emocional das mães de crianças autistas, notamos que se trata de um tema que vem sendo bastante abordado dentro da Psicanálise. Entretanto, focalizando a experiência emocional das mães de crianças autistas durante a pandemia, encontramos poucas pesquisas sobre o tema, principalmente dentro da perspectiva psicanalítica, provavelmente por ser uma situação tão recente e inusitada. Dentre os poucos estudos encontrados, vale ressaltar os de Andrade et al. (2021) e Barbosa et al. (2020), que versam sobre os impactos da pandemia na vida das crianças autistas e suas mães, e que observaram um aumento considerável das responsabilidades maternas e uma potencialização de angústias, devido ao isolamento social.

Assim, entendendo a relevância científica de uma pesquisa com mães de crianças autistas, durante a pandemia, dada a escassez de estudos sobre o tema, em especial dentro da comunidade psicanalítica, no presente estudo objetivamos investigar psicanaliticamente a experiência emocional de mulheres cujos filhos são autistas, durante o período de isolamento imposto pela pandemia.

II. MÉTODO

Para a realização desse estudo, contamos com a participação de mães de crianças com o diagnóstico de autismo que frequentavam uma instituição especializada, situada no interior de Minas Gerais. Após a aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética

¹ Alguns autores, dentre os quais destacamos Almeida e Neves (2020a), discorrem sobre a problemática do autismo ser tido, erroneamente, como uma epidemia, uma vez que, em curto período de tempo, o diagnóstico cresceu vertiginosamente. Em conjunto com as dadas dificuldades nas pesquisas epidemiológicas, as mesmas autoras observam e afirmam que a popularização diagnóstica do autismo poderia caracteriza-se como uma falsa epidemia.

de pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Federal de Uberlândia (CAAE: 45125121.2.0000.5152), foi realizada uma visita à instituição, para que pudesse conhecer o espaço e dar início às entrevistas que, num primeiro momento, havia sido imaginado que ocorreriam presencialmente, em alguma sala reservada da referida instituição.

Contudo, diante o cenário agravado da pandemia naquele momento, a maioria das atividades presenciais na instituição estava suspensa e foi sugerido que as entrevistas passassem à modalidade remota, com as mães das crianças acompanhadas institucionalmente sendo abordadas a partir do grupo de *whatsapp*. Assim, após uma breve apresentação da pesquisa no referido grupo de *whatsapp*, foi realizado o convite às mulheres-mães integrantes desse grupo, para que contribuíssem com o estudo concedendo uma entrevista individual na modalidade remota. Sete mulheres se interessaram em participar da pesquisa, sendo que, com cada uma delas foram trocadas mensagens provadas a fim de combinar com cada uma o melhor dia e horário para que a entrevista ocorresse.

Coincidentemente, os filhos autistas de todas as participantes entrevistadas eram do sexo masculino, o que está em consonância com demais estudos especializados que apontam uma maior incidência em meninos do que em meninas (Homercher, Peres, Arruda, & Smeha, 2020). Outros dados que permitem caracterizar as participantes² são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 1 - Caracterização das participantes

Nome	Idade	Idade do filho autista	Quantidade de filhos	Estado Civil	Trabalho
------	-------	------------------------	----------------------	--------------	----------

² Os nomes das participantes são todos fictícios, a fim de evitar que sejam reconhecidas. Todos os nomes fictícios foram inspirados na série “As telefonistas”, que remonta o momento histórico em que a primeira companhia telefônica é inaugurada em Madrid. No decorrer dos episódios é narrado principalmente a história das primeiras mulheres a trabalharem nesta companhia, exibindo as dificuldades enfrentadas por elas, tanto no mercado de trabalho, quanto as complexidades que lhes são apresentadas pela vida, na maternidade, nas relações conjugais e extraconjugais. Assim, a escolha em nomear as participantes da pesquisa pelas personagens da série deve-se à a força, à trajetória de superação e à dinamicidade da figura feminina simbolizadas.

Sofia	33	4 anos	2	Casada	Enfermeira obstétrica
Elisa	25	2 anos	1	Casada	Operadora de telemarketing
Angéles	-	4 anos	2	Casada	Desempregada
Carlota	44	8 anos	1	Casada	Desempregada
Alba	41	3 anos	2	Amasiada	Desempregada
Sara	28	3 anos	2	Casada	Diarista
Marga	46	6 anos	2	Casada	Produção de alimento

Para a realização das entrevistas, foi adotado o método investigativo psicanalítico. Assim, ao longo das entrevistas, foi privilegiada a técnica da associação livre, que, segundo Zimerman (2008), consiste no discurso fluido e espontâneo de ideias e sentimentos que surgem na mente do indivíduo, que é convidado a verbalizá-las livremente, buscando se desprender de julgamentos e receios com relação à sua fala. Essa técnica se revela fundamental porque favorece que as expressões inconscientes não se esbarrem em resistências conscientes do indivíduo, possibilitando que seu inconsciente se apresente mais facilmente (Roudinesco & Plon, 1998).

Entretanto, uma vez que essa pesquisa tinha um objetivo científico específico, que diverge de um enquadre exclusivamente clínico (em que o paciente pode, de fato, apenas associar livremente), durante as entrevistas, foi utilizado uma técnica expressiva, visando favorecer que as mulheres direcionassem suas falas para a temática da maternagem no campo do autismo durante a pandemia. A técnica expressiva adotada foi a narrativa interativa, que consiste numa história ficcional que reflete sobre a experiência emocional a ser investigada, e que é apresentada para que seja complementada pela participante, de acordo com a sua elaboração imaginativa (Granato, Corbett, & Aiello-Vaisberg, 2011).

Trata-se de uma estratégia metodológica que vem sendo adotada em pesquisas psicanalíticas inspiradas na obra de Winnicott, uma vez que a narrativa inventada e apresentada pelo pesquisador configura-se como um rabisco inicial ao qual o participante

é convidado a fazer um novo rabisco, instaurando, à luz do paradigma do Jogo do Rabisco winnicottiano, um campo de investigação dialógica, que privilegia a interlocução entre o entrevistado e o pesquisador, a partir da criação de um ambiente lúdico (Granato, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2011).

A construção da narrativa utilizada na presente pesquisa partiu primeiramente do contato com textos e produções anteriores sobre a temática a ser investigada. A partir daí, foi construída a primeira versão da narrativa interativa que, em reuniões científicas entre a estudante pesquisadora e a orientadora foi sendo refinada, a fim de rebuscar a história ficcional de maneira a apresentar o mínimo possível de conteúdos específicos que pudessem furtar as participantes de se identificarem com a personagem da narrativa interativa. Ao final, foi elaborada a seguinte narrativa interativa:

Já é final de tarde de uma quinta-feira e Antônia acaba de chegar em casa, depois de um dia extremamente cansativo, levando filho ao médico, fazendo algumas compras para o fim de semana, além das atenções especiais de proteção contra a COVID que deve ter com a criança autista durante todas essas atividades. Ao chegar em casa com o filho, ela coloca as compras na mesa para começar a higienizá-las, mas fica preocupada em auxiliar a criança no banho e na limpeza das máscaras, para que não encoste muito nas coisas, assim como fica pensando sobre o que vai preparar para o jantar... No meio de todos esses pensamentos e afazeres, Antônia se pega refletindo sobre tudo o que já viveu nessa pandemia, o quanto está cansada dessa nova rotina, se sentindo muito desesperançosa com a melhoria dessas situações, se perguntando quando isso tudo vai passar...

Assim, as entrevistas foram mediadas pela apresentação inicial dessa narrativa interativa, à qual as participantes eram convidadas a inventar um desfecho. Em seguida, elas eram convidadas a falar sobre as suas vivências enquanto mães de crianças autistas,

ao longo da pandemia, por meio da associação livre. Considerando a dinamicidade da pandemia e suas medidas restritivas, vale ressaltar aqui que as entrevistas foram realizadas ao longo do mês de Julho de 2021, momento esse em que o cenário pandêmico estava agravado e em que apenas os adultos estavam sendo vacinados contra a COVID-19.

Após a realização de cada entrevista era a vez da entrevistadora explorar suas próprias percepções e sentimentos acerca de cada entrevista, isto é, as reações contratransferenciais evocadas a partir da experiência vivenciada nos encontros. Para tanto, era redigida uma narrativa transferencial, pela entrevistadora, que, segundo Aiello-Vaisberg e Machado (2005), se diferencia de uma transcrição de entrevista, uma vez que na narrativa transferencial o que está em pauta é a narrativa do acontecer clínico, em que não apenas as falas e atos das participantes são narradas, mas, também, os sentimentos e impressões pessoais do entrevistador. Justamente porque a personalidade do pesquisador narrador é tão valorizada na narrativa transferencial é que ela acaba trazendo, como vantagem, que o encontro vivido e narrado torne-se “acessível” a outros leitores que, ao serem impactados pela narrativa transferencial, podem produzir novas interpretações e inclusive narrativas alternativas.

A análise do conjunto das sete narrativas transferenciais, bem como do conjunto dos sete desfechos inventados pelas participantes em cima da narrativa interativa, deu-se pelo método psicanalítico, conforme preconizado pela Teoria dos Campos de Fábio Herrmann. Para Herrmann (2007), a psique é formada por diversos campos, cada qual com suas regras e funcionamentos, em conjunto com suas articulações, sustentando toda uma complexa representação da realidade. Segundo Sanches e Cardoso Jr (2006), na Teoria dos Campos de Fábio Herrmann, os campos são tidos como linhas de forças que sustentam e perpetuam as representações que o indivíduo faz sobre a realidade, sendo tão

particulares àquele indivíduo. Segundo esses autores, Herrmann compreendia que a interpretação psicanalítica consistia num instrumento que poderia favorecer as criações e construções dos campos que constituem o psiquismo dos sujeito, ou até mesmo favorecer a ruptura dos campos mais patológicos (Sanchez & Cardoso Jr., 2006). Na presente pesquisa, buscamos identificar os possíveis campos que estariam atravessando as mães de crianças autistas, durante a pandemia, que, em outras palavras, descortinariam como estava sendo a experiência emocional dessas mulheres.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise psicanalítica do material, foram identificados dois campos, intitulados “Esperam que eu faça/seja tudo” e “À espera do novo normal”.

IIIa. “Esperam que eu faça/seja tudo”

A partir desse campo foi possível observar que as participantes se sentiam desamparadas dentro e fora de suas casas, em relação aos seus familiares e aos profissionais da área de saúde, respectivamente. Em função desse campo “Esperam que eu faça/seja tudo”, as mulheres se sentiam impelidas a investirem-se maximamente nos cuidados dos filhos autistas, assumindo todo o cuidado parental e adotando inclusive uma postura multifuncional. Para ilustrar o sentimento das entrevistadas de serem as responsáveis exclusivas pelos cuidados domésticos, elegemos o seguinte trecho da narrativa transferencial referente à entrevista com Marga, de 46 anos. A participante tem dois filhos, um de vinte anos e outro de seis, sendo o último diagnosticado como autista:

Ao ser apresentada à narrativa interativa, Marga a completa dizendo que a personagem “cai na real” e se lembra de que tem casa para cuidar, tem marido e tem várias outras coisas na vida que a impedem de ficar simplesmente pensando sobre o que

está sentindo. A participante passa então a contar sobre a sua rotina corrida durante a pandemia, explicando que, por conta de seu emprego, dos cuidados da casa e dos filhos, sente-se sobrecarregada. Ela menciona que seu marido assiste desenho com o filho durante o almoço, pois é o único horário mais livre que ele tem. Mais ao final da entrevista, Marga me diz, em tom pesaroso, que se sente muito culpada por ter pouco tempo para cuidar do filho, a ponto de às vezes se questionar por que decidira ter um segundo filho. Ela me diz: “E se eu não tivesse tido ele? Será que a vida seria mais fácil hoje? Mas eu me sinto tão culpada de pensar nisso, porque eu amo ele tanto, e não consigo nem me imaginar sem ele. Mas às vezes eu fico tão cansada que eu me pego pensando se fiz errado em ter tido outro filho”.

Embora tenhamos selecionado o material referente à Marga, todas as outras participantes pareciam habitar o campo “Esperam que eu faça/seja tudo”, narrando uma intensa rotina de cuidados dos filhos, exercida quase que exclusivamente por elas, a despeito de todas estarem em uma união estável e coabitarem com os respectivos cônjuges. Assim, independentemente de as entrevistadas advirem de lares biparentais, nos vimos diante de narrativas monoparentais, como se as participantes fossem mães solo. Dentre as poucas participantes que mencionaram espontaneamente o cuidado com os filhos exercido pelos maridos, como foi o caso de Marga, esse se resumia a atividades de cunho mais recreativo, solicitadas explicitamente pelas mulheres, mesmo que elas também exercessem uma atividade laboral remunerada.

Não é uma novidade que o cuidado parental tem sido exercido quase exclusivamente por figuras femininas. Falando especificamente sobre famílias que têm uma criança com o diagnóstico de autismo, vale citar Ferreira e Smeha (2018), em cuja pesquisa quatro viúvas, mães de crianças autistas, foram entrevistadas. A partir desse estudo observou-se que, mesmo quando as participantes contavam com a presença de seus

companheiros, numa configuração familiar do tipo biparental, experienciavam a função exclusiva de cuidado dos filhos, como se já estivessem em situação de monoparentalidade.

Entendemos, entretanto, que essa dinâmica em que os homens figuram mais como ajudantes, assumindo um papel de auxílio, sem igual corresponsabilidade parental (Carvalho, 2020), não fica restrita às famílias que têm uma criança diagnosticada como autista. Observamos que, a despeito dos avanços culturais nas últimas décadas, as famílias, de maneira geral, seguem organizando-se com os homens e as mulheres internalizando e reproduzindo uma cultura maternocentrada (Macêdo, 2020). Nesse sentido, estaríamos ainda diante de transformações incompletas, que não teriam sido capazes de romper com os modelos tradicionais estruturadores das relações de gênero (Leite, 2017).

Embora, no presente trabalho, tenhamos clara identificação com a obra winnicottiana, compreendemos, apoiadas em Miranda, Timo e Belo (2019), que a teorização da preocupação materna primária, prevendo que a mãe biológica, a partir da dimensão fisiológica do corpo, seria aquela que teria mais disposição de constituir o ambiente suficientemente bom ao bebê, reforça a ideia de que à mulher caberia ocupar-se primordialmente dos cuidados do filho, enquanto caberia ao homem, como uma figura periférica, dar-lhe o suporte para que ela seja uma mãe suficientemente boa. Como destacam Brasil e Costa (2018), é possível pensar que essa compreensão da mulher enquanto agente indispensável no cuidado da criança acaba não apenas fomentando a desigualdade de gênero, como, também, gerando na mulher o sentimento de não estar sendo capaz de cumprir com uma maternagem suficientemente boa.

Alguns pós-winnicottianos, atentos ao fato de que toda obra está circunscrita ao momento histórico vivido pelo autor, compreendem que pensar a maternidade na

contemporaneidade exige que alguns conceitos winnicottianos sejam revisitados e revistos. Nesse sentido, Campana, Santos e Gomes (2019), sugerem a adoção do termo “preocupação parental primária”, entendendo que é possível o desenvolvimento da preocupação primária nos homens, com eles sendo capazes de ofertar um cuidado igualitário ao bebê, vale dizer, de adaptar-se sensivelmente às necessidades do bebê, ofertando-lhe *holding* tanto quanto à mãe.

Falando especificamente do cenário pandêmico, podemos pensar que a pandemia agravou ainda mais a sobrecarga materna com os cuidados dedicados ao filho, uma vez que, até que as medidas de isolamento pudessem ser afrouxadas, as mulheres se viram sem poder compartilhar os cuidados da criança com as escolas e instituições de saúde. Assim, o desamparo, antes vivido apenas dentro de casa em relação ao cônjuge, passou a ser vivido também fora de casa, com a pandemia. Nesse sentido, mulheres que já estavam sendo “perversamente” convocadas a cumprir os cuidados parentais quase exclusivamente, se viram também tendo que assumir uma postura multifuncional, no sentido de terem que cumprir com as tarefas antes proporcionadas por outros profissionais.

Aiello-Vaisberg, Gallo-Belluzzo e Visitin (2020), realizando um estudo winnicottiano sobre a maternidade em tempos de pandemia, coletaram narrativas maternas nos chamados *mommy blogs* a fim de investigar as comunicações emocionais expressas nesse tipo de rede social. Identificaram o campo intitulado “Fazendo tudo e mais um pouco”, relativo ao sentimento das mães de terem que apresentar habilidades que elas mesmas não possuíam, para “substituir” os profissionais que estavam ausentes nas vidas dos filhos em função das medidas de isolamento. Ainda, segundo os autores, dado o imaginário social de que a tarefa de cuidar dos filhos é substancialmente materna,

parecia não haver uma compreensão sensível, por parte da sociedade, acerca dessa elevada expectativa que estava sendo depositada sobre as mulheres.

No presente campo “Esperam que eu faça/seja tudo”, deparamo-nos com algo similar. Contudo, as exigências sociais depositadas sobre as nossas participantes pareciam ser ainda mais intensas do que aquelas sobre as “mães comuns”, uma vez que as mulheres entrevistadas se encontravam na situação peculiar de terem filhos autistas. Para ilustrar, selecionamos o trecho da narrativa referente à entrevista com Alba:

Ao ser apresentada à narrativa interativa, logo no início da entrevista, Alba mostra dificuldade para inventar um desfecho, dizendo que não sabe complementar a situação ali apresentada. Essa dificuldade em saber o que fazer apareceu ao longo de toda a entrevista, com Alba repetindo várias vezes que não estava sabendo como lidar com o fato de seu filho de três anos ter sido diagnosticado com autismo há alguns meses, no primeiro ano de pandemia. Alba diz que está se sentindo muito desamparada pelos profissionais: “Eles só falam quando a gente pergunta. Mas eu me sinto o tempo todo perdida. Eu não sei se estou fazendo certo ou o que devo fazer”. Ao longo da entrevista, a participante menciona a última psicóloga de seu filho, que a “abandonou na pior hora”, quando houve a mudança de medicamento e a criança começou a apresentar pioras.

Percebemos, a partir desse material, sentimentos de medo e de insegurança no sentido de “será que isso que estou fazendo está certo?”, com a participante comunicando um sofrimento além daquele que a própria pandemia já desperta no indivíduo. Questões similares foram constatadas também nas pesquisas de Andrade et. al (2021), Carvalho (2020) e Fadda e Cury (2019), o que denota a recorrência da insegurança materna diante os cuidados a serem dedicados à criança autista. Aqui valeria discutir, tal como o fazem Ferreira et al. (2018), a persistência de um imaginário social de que as mães não apenas

sejam e façam tudo pelos seus filhos, mas, também, que já saibam de tudo em relação a eles, como se houvesse uma recusa social em reconhecer a maternidade como um desafio a ser explorado cotidianamente, com o aprendizado sobre a maternagem advindo da própria experiência (Iaconelli, 2020).

Desde essa perspectiva, seria possível pensarmos que, ao discorrerem sobre os outros esperando que elas façam e sejam tudo, nossas participantes comunicaram, de modo subjacente, uma condição de desamparo (Andrade et al., 2021), divergente daquela que é encontrada inevitavelmente em todo indivíduo que se vê encarregado de exercer a função primordial de ancoragem a um bebê, função essa tão mobilizadora e exigente do ponto de vista psíquico (Garrafa, 2021). Tratar-se-ia de um desamparo decorrente do isolamento social imposto pela pandemia e, também, da recusa social de que mulheres vivenciem abertamente sofrimentos e dúvidas acerca da maternidade. Estaríamos aqui diante de um desamparo que estaria no avesso da condição de *holding*, que, conforme discutido previamente, se faz tão importante para que a mãe possa constituir um ambiente suficiente bom para o filho. Conforme Carvalho (2020), seria um desamparo social materno produzido justamente pelo fato de a mulher ser socialmente convocada a servir como o único ambiente da criança, estando sujeita a julgamento, em detrimento de acolhimento, em caso de sofrimento.

A despeito de estarmos apontando a importância do reconhecimento do não saber intrínseco materno, isto é, do desamparo sentido pelas mães de crianças autistas por terem que fazer intervenções de cunho profissional com os filhos, não estamos, num extremo oposto, defendendo que caberia aos profissionais simplesmente dizerem às mães como elas deveriam agir. Muito pelo contrário, em algumas entrevistas o sentimento de desamparo materno esteve associado não tanto por conta da ausência repentina dos profissionais, mas, sobretudo, do discurso profissional marcado pela normatividade e pela

falta de sensibilidade com a realidade dessas mulheres. É válido trazermos aqui um trecho da narrativa transferencial referente à entrevista com Sofia, participante que tem um filho de quatro anos, diagnosticado com autismo logo no início da pandemia, e que, na ocasião da entrevista, estava grávida de seu segundo filho:

Após a leitura da narrativa interativa, Sofia passa imediatamente a contar sobre o processo de descoberta do diagnóstico do filho. A participante conta que tinha muita energia e muito gás para auxiliar o filho, contando que ficava estudando dia e noite sobre o autismo, muito envolta nesse contexto. Em um determinado momento, a participante me diz que também escutou muita coisa dos profissionais sobre o que era para ela fazer com o filho, durante a pandemia, como incluí-lo nas atividades domésticas. Sofia me diz, entretanto, que percebia que tais atividades despertavam crises no filho. Ela conta, por exemplo, do dia em que o chamou para que ele ficasse perto dela, enquanto ela cozinhava: “Ele não pode ver alguém quebrar um ovo, misturar alimentos, cortar alimentos..., pois essas ações o perturbam profundamente”. Depois disso, Sofia diz que desistiu de seguir com as atividades que estavam sendo propostas a ela.

Na narrativa transferencial referente à entrevista com Sofia fica evidente como as falas normativas dos profissionais, acerca de como as mães deveriam exercer a maternagem dos filhos autistas no cenário da pandemia, acabaram tendo um impacto inócuo ou até mesmo danoso. Aqui seria possível costurarmos essa questão com o conceito de *holding*, tão central na obra de Winnicott. O autor entendia que aquele cuidado materno altamente adaptado, que poderia ser sentido pelo bebê como *holding*, na fase da dependência absoluta, já poderia ser experienciado como uma invasão em etapa posterior do amadurecimento emocional (Winnicott, 1963/1983). E, embora Winnicott tenha discorrido sobre esses movimentos protetivos e invasivos focalizando sobretudo a relação ambiente e bebê, chegou a alertar os profissionais da saúde acerca da

possibilidade de eles também assumirem gestos invasivos, oferecendo um tratamento desautorizante às mães. Apesar de o texto “Contribuições da Psicanálise à Obstetrícia” ter sido escrito por Winnicott (1957/2020) aos profissionais da área de Obstetrícia que, ao seu ver, por vezes invadiam a relação mãe-bebê, podemos usá-lo de forma ampliada para pensar sobre a relação entre os profissionais especializados em autismo e as mães de crianças autistas. Nesse sentido, pensamos que os profissionais de saúde, a despeito de terem o potencial de constituir um importante espaço de cuidado, acolhimento, escuta e amparo para as mães de crianças autistas, cumprindo o papel de *holding* para com elas (Cortezia, 2015), podem ter uma atuação do tipo *know-how* que não apenas desconsidera a *expertise* dos familiares como também invade as relações familiares (Ferreira, Costa, & Couto, 2018).

Notamos, aliás, que, em algumas entrevistas, as participantes completavam as narrativas interativas apresentando respostas “prontas” sobre como a mulher da história deveria agir diante das circunstâncias apresentadas. Seria possível então, a partir dessa constatação, pensarmos que foi estabelecida uma dinâmica transferencial entre a entrevistadora e as entrevistadas com as participantes preocupando-se em dar respostas “acertadas” aos olhos de um especialista. Teria ocorrido, de alguma maneira, uma comunicação transferencial das participantes no sentido de se preocuparem em se mostrar à altura das orientações profissionais dadas ou, como no caso de Alba, de registrarem a queixa frente à ausência dos profissionais da saúde mental, durante a pandemia.

Vale ainda refletirmos que Sofia, assim como Alba, recebeu o diagnóstico de autismo do filho no início da pandemia. São vários os estudos que apontam que o momento de receber o diagnóstico pode vir a constituir-se como um momento traumático, marcado por profundas feridas narcísicas (Dester, 2015), a ponto de López (2015) se questionar se o fato de uma mulher descobrir-se mãe de uma criança autista não

equivaleria a uma ruptura maior do que aquela já introduzida pela maternidade em si, uma vez que são provocadas profundas mudanças na dinâmica familiar (Constantinidis, Silva, & Ribeiro, 2018; Klinger, Oliveira, Lopes, Meneses & Suzuki, 2020). Seria possível pensarmos que o fato de que o diagnóstico de autismo ter se dado num cenário pandêmico pode ter tido um efeito psíquico ainda mais devastador para essas mulheres. Não à toa, as quatro participantes cujos filhos foram diagnosticados com autismo, durante a pandemia, narraram espontaneamente, durante as entrevistas, como se deu esse momento do diagnóstico, como se sentissem a necessidade de revisitar esse ponto de suas histórias, nos quais um *holding* tão necessário lhes teria sido furtado.

A partir desse campo “Esperam que eu faça/seja tudo”, observamos que as participantes sentiam-se duplamente desamparadas, dentro e fora de suas casas, pelos pais de seus filhos e pelos profissionais especialistas, respectivamente. Tamanho sofrimento parecia levar algumas delas, como no caso de Marga, a confessarem o arrependimento de terem tido aquele filho. A antropóloga Orna Donath, que realizou entrevistas com mulheres que se arrependeram de terem tido filhos, reflete sobre a relutância social em olhar para as mães arrependidas, que, quando são olhadas, são simplesmente rotuladas como mães desnaturadas que não foram capazes de se adaptar à maternidade (Donath, 2017). Pensamos, contudo, em concordância com Scavone (2004), que o fenômeno do arrependimento materno deve ser compreendido, dentre outros fatores, à luz da impossibilidade da mulher de experienciar a maternidade com prazer, com a mulher sendo atravessada pelo sofrimento de ter que encarnar, no discurso social, de modo desamparado e desesperador, aquela que é exclusivamente responsável pelos cuidados dos filhos, sustentando tal experiência como algo natural e gratificante. Em meio a esse duplo confinamento - o da pandemia e o da maternidade “enclausuradora” -, como poderia uma mulher não ser atravessada por arrependimentos?

IIIb. “À espera do novo normal”

Nesse segundo campo identificamos que as participantes encontravam-se, de maneira geral, atravessadas pelo sentimento de impaciência, tanto no sentido de se sentirem impacientes, quanto no de sentirem os outros impacientes para com elas e seus filhos. De modo a ilustrar, destacamos o trecho da narrativa transferencial referente à entrevista com Elisa, mãe de um garoto autista de dois anos:

Após ser apresentada à narrativa interativa, Elisa me conta o que teria feito, caso fosse a protagonista, explicando que ela teria deixado as compras fora de casa para que pudesse, primeiramente, dar banho no filho e colocar as roupas usadas para lavar, para só depois se preocupar em higienizar as compras, sendo que a comida já teria sido previamente preparada antes dela sair. Por associação livre, a participante começa a se lembrar de um episódio vivido por ela e seu filho, em que eles estavam carregando um monte de compras dentro de um Uber. Nesse dia, foram expulsos do Uber porque a criança começou a ter uma crise dentro do carro, tida equivocadamente como uma “birra” da parte do motorista. Elisa me conta que ficou tão chateada que resolveu registrar um boletim de ocorrência contra o motorista. Ao longo da entrevista, Elisa fala que sentia certa intolerância também da parte da família de seu marido que, coincidentemente, também é motorista de Uber. A participante me explica que, como o diagnóstico foi realizado recentemente, a família de seu marido não está aceitando-o, compreendendo que tratar-se-ia de um exagero de Elisa ou, ainda, falta de “correção” dela para com a criança, como se a ela coubesse bater na criança para melhor educá-la.

A partir dessa vinheta clínica, Elisa expressa o imaginário de que, mesmo que a mãe venha a constituir um ambiente suficientemente bom, cuidando de todos os detalhes

que envolvem a rotina da criança autista, há um ambiente externo à casa, que nessa entrevista ficou representado no motorista de Uber, que parece não ser capaz de ser suficientemente bom para com a criança, e conseqüentemente para com a mãe. É como se a participante compartilhasse o sentimento de um ambiente externo à casa que seria “perigoso”, não apenas por conta da pandemia, mas, sobretudo, por conta da intolerância/impaciência dos outros para com a condição peculiar de seu filho. Ferreira e Smeha (2018), Andrade et. al (2021), Ferreira, Costa e Colto (2018) e Constantinidis, Silva e Ribeiro (2018) puderam constatar, igualmente, que as mães preocupam-se com a forma com que seus filhos autistas são tratados, sentindo que eles estão sendo constantemente alvo de julgamento e de desrespeito. Nos trabalhos de Pizzo (2021) e de Pinelli (2017) pôde ser observado que essa percepção das mulheres em relação à maneira com que os filhos são tratados acabava também provocando-lhes intenso mal-estar.³

Desde essa perspectiva, seria possível pensarmos que o título “À espera do novo normal” faz alusão não apenas à “normalidade” que se espera viver num cenário de pós-pandemia, mas, também, à impaciência da sociedade em relação à criança que apresenta um desenvolvimento desviante em relação a um padrão normativo. Nesse sentido, “À espera do novo normal” também teria a ver com a expectativa da sociedade de que a criança, de alguma maneira, se encaixe e se adeque à generalização daquilo compreendido como normal, cabendo à mãe encarregar-se de melhor educá-la para tal.

A partir da entrevista com Elisa podemos pensar que ela não apenas sentia intolerância da parte do ambiente extrafamiliar para com ela e com seu filho autista, como, também, no próprio campo intrafamiliar. Isso porque a participante discorre sobre

³ Aqui cabe lembrarmos de um dos vários casos em que mulheres-mães de crianças autistas foram criticadas por vizinhos, devido aos barulhos que as crianças estavam fazendo em seus lares, durante o confinamento doméstico imposto pela pandemia, a ponto de serem convidadas a mudarem de residência, conforme aparece na reportagem do G1 (<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/07/14/apos-se-mudar-mae-de-criancas-autistas-denuncia-condominio-de-natal-por-discriminacao.ghtml>)

dois motoristas de Uber que pareciam não acolher o autismo de seu filho, sendo o segundo deles o seu próprio marido e seus familiares. Vemos, desse modo, que o sentimento de falta de continência psíquica para as questões apresentadas pela criança autista estaria relacionado tanto à sociedade, de maneira geral, como ao microcosmo das relações familiares. Ampliando essa questão, seria possível nos indagarmos: a impaciência seria vivida também pelas mães das crianças autistas?

De fato, algumas participantes relataram o sentimento de que elas próprias também estariam mais impacientes para com seus filhos, nesse tempo prolongado de espera pelo fim do cenário pandêmico. Para ilustrar, temos o trecho da narrativa transferencial da entrevista com Sara, mãe de um garoto autista de três anos:

Após a leitura da narrativa interativa, Sara relata que, se ela fosse a protagonista da história, não teria levado o filho ao supermercado, pois entende ser muito difícil levá-lo junto, além dele não aceitar usar máscara. Assim, Sara me diz que, caso essa narrativa fosse sobre ela, ela teria retornado sozinha do mercado, sendo que primeiramente ela iria se organizar, ao chegar em casa, para só depois cuidar do filho. A participante me conta que começou a desconfiar que seu filho fosse diferente porque ela sempre acompanhava, nas redes sociais, a filha de Sabrina Sato, que, comparativamente ao seu filho, apresentava um desenvolvimento bastante diferente. Como se já não bastasse o fato de seu filho ter autismo, Sara me conta que, com o cenário da pandemia, o relacionamento dela com a criança teria ficado ainda mais prejudicado, com ela percebendo-se mais impaciente, nervosa e depressiva. Nesse momento, Sara confessa: “Tem vezes em que eu acabo dando um tapa nele. Acaba não sendo forte, mas eu bato nele, e depois eu choro e peço perdão a Deus, porque me sinto muito mal por ter feito isso. Mas eu fico me perguntando: Como que eu vou educar ele? Como vou ensinar o certo e o errado?”. A participante ainda me diz que, além dela ter ficado mais impaciente

com o filho, ele também estaria mais impaciente, tendo crises em que não apenas ele batia nela como, também, batia mais em si mesmo. Ainda falando de seu sentimento de culpa, Sara comenta que o trabalho, para ela, estava sendo vivido como o seu momento de lazer, uma vez que ela podia ficar um pouco longe de casa.

Selecionamos esse material porque Sara já deixa evidente que não apenas os outros seriam impacientes para com a criança autista, como, também, as próprias mães se sentiriam impacientes, sendo essa impaciência experienciada de modo maximizado nesse momento de pandemia, com a imposição das medidas de isolamento social.

Dentre os poucos estudos dedicados às mães de crianças autistas, durante a pandemia, vale destacarmos o de Barbosa et al. (2020), cujos resultados mostram-se análogos ao presente estudo, uma vez que obtiveram relatos maternos de uma maior inquietude das crianças autistas em casa e, conseqüentemente, narrativas de aumento do cansaço e de impaciência dos pais, em especial da figura materna. Em nossa pesquisa, chamou-nos a atenção que, em meio às diferentes entrevistas, houve a repetição de um conteúdo importante, relativo à necessidade materna de que, ao longo da pandemia, fosse possível vivenciar algo que promovesse uma certa separação entre elas e seus filhos.

Observamos que, no caso específico de Sara, o trabalho era sentido como meio primordial para que ela pudesse se separar momentaneamente de seu filho, mesmo que trabalhar implicasse em envolver-se também em atividades que exigem esforço e dedicação. Consideramos esse dado relevante uma vez que, em diversos estudos já realizados com mães de crianças autistas, como os de Constantinidis, Silva e Ribeiro (2018), Zavaglia (2020) e Klinger, Oliveira, Lopes, Meneses e Suzuki (2020), foi possível notar que comumente a rotina dessas mulheres fica tão circunscrita aos cuidados dos filhos que não raro elas se vêem obrigadas a reduzir ou até mesmo abdicar da jornada de trabalho (Gama, 2019). Notamos assim que se, por um lado, há casos em que as mulheres

lamentam pela dupla jornada de trabalho, precisando dedicar-se maximamente aos cuidados dos filhos e ao emprego (Santos, Santiago, Lopes, Merighi, Duarte, & Cyrino, 2021), no presente trabalho, deparamo-nos com participantes que viam no trabalho a possibilidade de viverem para além das responsabilidades maternas, não se convertendo em tudo para os filhos e vice-versa, como se se tornassem um só.

Uma outra participante que também manifestou a necessidade de experienciar momentos de maior distanciamento em relação ao filho autista, nesse momento de distanciamento social imposto pela pandemia, foi Angéles, que possui dois filhos, sendo o mais velho de 14 anos e o mais novo, diagnosticado com autismo, de quatro anos. Entretanto, diferentemente de Sara, Angéles não localizou no trabalho aquele que a autorizaria a afastar-se de seu próprio filho, como pode ser observado no trecho da narrativa transferencial relativa à entrevista:

Após a leitura da narrativa interativa, Angéles me diz que está muito esperançosa em relação ao futuro, falando de sua expectativa de que o filho melhore com o retorno das atividades presenciais, podendo se desenvolver mais ao ter mais contato com outras pessoas e a socializar mais. Por associação livre, a participante lembra-se de um dos poucos momentos em que ele pôde socializar mais, que foi quando eles viajaram em família para a praia. Angéles me diz que ele adorou a água e que lhe chamou a atenção que diversos “sintomas” dele, como a diarreia, desapareceram durante esses momentos de viagem. A participante me diz, então, que esses momentos da viagem são muito bons para ela também, pois ela pode descansar da rotina dentro de casa. Conta que essa viagem à praia havia sido boa também porque pôde curtir o marido, que, por trabalhar como caminhoneiro, fica pouco tempo em casa. Nesse momento, a participante diz: “Apesar de ser cansativo viajar e ficar muito tempo na carreta, é muito bom sair de casa, sair da rotina e conhecer pessoas diferentes”.

A partir desse material referente à Angéles, seria possível, num primeiro momento, pensarmos que a ânsia dela em viajar e explorar lugares diferentes estaria exclusivamente ligada às restrições sociais impostas pelo cenário da pandemia. Entretanto, num segundo momento, é possível interpretarmos que Angéles parece comunicar, mais do que a necessidade de lazer, a necessidade de escapar do cenário materno rotineiro que, no caso dela, ao invés de ser através do trabalho, seria através da maior presença do marido na relação estabelecida entre ela e a criança.

Outras participantes desse estudo relataram, para além do trabalho ou da presença dos pais de seus filhos, o uso de medicamentos da parte da criança, uma vez que, a partir do tratamento medicamentoso, foi possível que algumas delas tivessem uma relação mais tranquila e menos desgastante com seus filhos, já que eles passaram a ter melhores noites de sono e melhoras em seus sintomas de ansiedade. Mas, independentemente se o que esteve em pauta foram medicamentos ou o trabalho ou a presença do pai da criança, notamos que as participantes narraram sobre a necessidade de “espaços” em que não se sentissem inteiramente consumidas e tamponadas pelos cuidados de seus filhos, como se tivesse a possibilidade de experienciar uma maior individuação em relação a eles. Trata-se de algo que de certa maneira se articula com os achados de pesquisa de Donath (2017), para quem as mães arrependidas compartilharam não apenas o sonho de seus filhos desaparecerem, como, também, o de elas mesmas poderem ser removidas da equação familiar de alguma forma.

Granato e Aiello-Vaisberg (2002), a partir da observação de um grupo de mães de crianças com deficiência, notaram, de maneira análoga, que todas elas pareciam sofrer com a maior dependência de seus filhos em relação a elas. Fazendo uma articulação com a obra de Winnicott, tais autoras propuseram que, em situações especiais em que o amadurecimento emocional da criança se dá em outro ritmo, com ela tendo mais

dificuldades para alcançar a dependência relativa e a independência relativa, a mulher seria convocada a experienciar uma espécie de “preocupação materna primária especial”. Ou seja, ao invés dela poder desinvestir dos cuidados elevados dedicados à criança, recuperando-se dessa condição peculiar e temporária que é a preocupação materna primária, ela se veria tendo que ofertar esse cuidado altamente adaptado de modo prolongado e intenso, afinal, tratar-se-ia de “uma mãe mais preocupada que aquela cujo filho caminha resolutamente para a independência” (Granato & Aiello-Vaisberg, 2002, p.91).

Desde essa perspectiva, seria possível pensarmos que a ânsia das participantes por algo que lhes permitisse afastar-se dos próprios filhos - fosse ele o trabalho, a maior presença do pai da criança ou o uso de medicação - teria a ver com o fato de não estarem suportando sustentar essa preocupação materna primária especial, sem poder experienciar a sua própria individualidade. Afinal, se, em contextos “comuns”, algumas mulheres já sentem a maternidade como uma história sem fim, envoltas por um cordão umbilical imaginário que elimina a sua capacidade de se mover (Donath, 2017), é possível pensarmos que no contexto do autismo e da pandemia, as mulheres sentiram-se ainda mais imobilizadas, não conseguindo ter, no confinamento doméstico, momentos para estarem a sós consigo mesmas, cultivando o seu próprio isolamento. Caberia pensarmos que, do mesmo modo que o período de isolamento social fez com que as crianças autistas perdessem a alternância simbólica entre as instituições e o ambiente da casa, as mulheres também acabaram perdendo certa alternância entre ser mãe, ser mulher, ser esposa, ser trabalhadora..., ficando bastante confinadas na função materna.

Em meio a essa dinâmica em que o lar era sentido como alienante, notamos que as participantes também ansiavam pela retomada das atividades presenciais das crianças, aguardando ansiosamente o fim da pandemia, “à espera do novo normal”. Essa questão

fica clara no trecho da narrativa transferencial referente à entrevista com Carlota, cujo filho autista tem oito anos:

A entrevista com Carlota foi peculiar, uma vez que ela foi a única participante que não ligou a câmera durante a entrevista. Logo após a leitura da narrativa interativa, Carlota comenta, rindo, que essa é a realidade de quase todas as mães de crianças autistas, e diz que criança é assim mesmo, e que tem que priorizar o cuidado delas para depois cuidar das outras coisas. Portanto, ela diz que a personagem deveria primeiro acudir o filho e depois limpar e cuidar da casa. Chamou-me a atenção que, ao mesmo tempo em que ela discorria sobre isso, ela também adotava o mesmo movimento, precisando pausar a entrevista, em alguns momentos, para atender o filho em alguma demanda. Ao longo da conversa, pude notar, entretanto, uma divergência entre o discurso esperançoso que ela trouxera narrativa interativa e o discurso que ela me trazia. Isso porque, ao falar sobre a sua perspectiva de futuro, a participante me disse que não gostava de criá-las, já que não via perspectiva do retorno às atividades ainda no ano de 2021. Carlota fala que, além do cenário pandêmico estar incerto demais, ela não queria cobrar e nem criar expectativas sobre o filho, pois nem sempre ele se desenvolvia como ela esperava. Desse modo, não imaginar era uma forma dela acabar não se frustrando.

Num primeiro momento, podemos pensar que a participante não “ousa” discorrer sobre o futuro uma vez que o futuro encontra-se duplamente incerto, dada as peculiaridades do desenvolvimento atípico do filho e a imprevisibilidade do cenário pandêmico. Num segundo momento, entretanto, vemos que Carlota mais parece temer pensar sobre o futuro (com receio de se frustrar) do que não ter apostado nenhuma sobre o porvir. Desde essa perspectiva, teria a participante nos comunicando, mais do que a impossibilidade de falar sobre o futuro, a impossibilidade de sonhar com ele ou, ainda, de estar esperançosa nesse processo de espera?

Alguns estudos já identificaram, de maneira similar, que frequentemente as mães de crianças autistas preocupam-se com o futuro de seus filhos, em especial quando elas não estiverem mais presentes para seguir cuidando deles (Fadda & Cury, 2016), preocupação essa que fica potencializada frente a uma sociedade que se mostra despreparada e com um sistema de saúde bastante falho (Andrade et al., 2021). No presente trabalho, acreditamos ser possível articular essa impossibilidade de esperar algo do futuro, trazida por Carlota e outras participantes, ao conceito de “esperança”, tal como ela é adotada na obra de Winnicott. Nos textos winnicottianos, vemos que o termo “esperança” é usado recorrentemente como uma certa capacidade do indivíduo em acreditar que algo bom aconteça (Vieira & Castanho, 2021). Podemos pensar que o desenvolvimento dessa capacidade de esperar, isto é, o de acreditar na possibilidade de futuro melhor, passa pelos processos de ilusão/desilusão descritos por Winnicott e que são experienciados nos primórdios da infância. De acordo com Machado e Aiello-Vaisberg (2003), na obra winnicottiana é apresentada a teorização de que, inicialmente, o bebê é atravessado por uma ilusão primária, por meio da qual alucinaria onipotentemente que ele teria criado o mundo. A partir do momento em que o bebê estivesse mais maduro psicologicamente, ele já seria capaz de ser gradualmente desiludido, em relação a essa ilusão de onipotência, dando-se conta, de modo não disruptivo, que o mundo teria sido encontrado por ele, e não criado. Fazendo uma análise sobre o estado de desamparo do bebê, Araújo, Paravidini e Neves (2019) apontam a importância do ritmo na díade mãe-bebê, uma vez que se faz necessário que, nesses primórdios da vida, a mãe tenha a capacidade de se identificar às necessidades do bebê e adaptar-se ativamente a elas, de modo a não desiludí-lo precocemente, prejudicando esse primeiro momento ilusório de laço com o objeto externo.

Winnicott (1971/1975) compreendia, ainda, que, mesmo indivíduos maduros demandariam experienciar uma camada de ilusão protetora, isto é, precisariam seguir vivenciando a realidade de modo criador, sem a qual a experiência humana seria marcada pelo sentimento de submissão e inautenticidade. Em outras palavras, seria possível pensar que a capacidade de ter esperança de que o porvir é marcado por bons acontecimentos articula-se à necessária capacidade de sustentar uma relação de criação do mundo.

No presente estudo, contudo, observamos que as participantes haviam sido golpeadas duplamente em sua capacidade de ilusão: 1) em relação ao fato de seus filhos terem sido diagnosticados enquanto autistas, demandando uma maior provisão ambiental da parte delas; e 2) em relação ao fato de estarmos em uma pandemia duradoura, que exigiu que o ambiente vivenciado pelas crianças passasse a ser sobretudo o ambiente doméstico. Talvez por conta disso vemos que algumas delas, dentre as quais Carlota, mostravam a dificuldade em ter expectativas em relação ao futuro de seus filhos. É como se as participantes se vissem desiludidas diante desse cenário pouco promissor composto por crianças com recursos psíquicos relativamente limitados, envoltas num mundo adoecido pela pandemia e sem condições de constituir-se como um ambiente suficientemente bom. Nesse sentido, o campo “À espera de um novo normal” reflete, mais do que uma espera marcada pela impaciência, uma espera desesperada e desesperançosa, dada a complexidade de se ter esperança frente ao cenário pouco promissor causado pela pandemia.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise psicanalítica do material derivado das entrevistas foi possível identificar dois campos - “Esperam que eu faça/seja tudo” e “À espera de um novo normal” -, em cujos títulos notamos a recorrência da palavra “espera”. Entendemos que

essa palavra remete tanto as expectativas sociais altamente idealizadas sobre as mulheres-mães, o que acaba conduzindo-as a um desamparo social, quanto a (des)esperança dessas mulheres em relação ao futuro (o da pandemia e o do quadro de autismo). Vimos, afinal, uma espera desamparada, desesperadora, desesperançosa.

Ainda que, no momento atual, o cenário da pandemia seja diferente daquele em que as entrevistas foram realizadas, com as medidas de isolamento sendo cada vez mais deixadas para trás, compreendemos que não necessariamente o desamparo e a desesperança tenham sido igualmente relegados ao passado, àquele momento restrito das entrevistas. Entendemos, a partir desse estudo, que as instituições de apoio voltadas ao público autista devem assumir uma postura ainda mais cautelosa e atenta nesse momento de transição entre pandemia e o “novo normal”, a fim de cunhar, tanto com as crianças quanto com as mães, um vínculo de confiança tão necessário para que o ambiente possa efetivamente ser sentido como seguro, estável e válido de ser vivido.

Por fim, vale ressaltar que a ideia inicial era a de que as entrevistas fossem realizadas presencialmente. Compreendemos que, ao adaptarmos os encontros para que se dessem em ambiente virtual, respeitando as medidas de isolamento impostas naquele momento, talvez tenhamos obtido um material distinto daquele que emergiria em contexto presencial, o que configuraria uma limitação dessa pesquisa. A despeito do nosso pesar com essa situação, compreendemos que, de certa maneira, isso acabou nos aproximando dos sentimentos, trazidos pelas participantes, referentes à impossibilidade de sair do confinamento doméstico e de experienciar encontros outros.

V. REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Gallo-Belluzzi, S., & Visintin, C. (2020). Maternidade e sofrimento social em tempos de Covid 19: estudo de Mommy Blogs, *Scielo preprints*. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.356>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. In *Anais do Encontro Latinoamericano dos Estados Gerais da Psicanálise*, 4. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise.
- Almeida, M. L., & Neves, A. S. (2020a). A popularização diagnóstica do autismo: Uma falsa epidemia? *Psicologia, Ciência e Profissão*, (40), 1-12.
- Almeida, M. L., & Neves, A. S. (2020b). Intervenciones psicoanalíticas con familias de niños diagnosticados con autismo. *Estilos da Clínica*, 25(2), 220-232. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2p220-232>
- Andrade, J. L. V., Nascimento, A. C. M., Ponte, A. H., Barros, B. C. C., Rodrigues, M. F. N., & Pires, R. L. (2021). “Água de Chocalho” em Rede: Roda de Conversa Online com Famílias de Crianças Autistas Durante a Pandemia de COVID-19. *Expressa Extensão*, 26(1), 429-437.
- Araújo, S. A. S., Paravidini, J. L. L., & Neves, A. S. (2019). A perda da experiência de si na infância no cenário neoliberalista: O ritmo do desamparo social. *Revista Crítica Cultural*, 14(1), 57-70. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.19177/rcc.v14e1201957-70>
- Araújo, C. A. S. (2003a). O autismo na teoria do amadurecimento de Winnicott. *Natureza humana*, 5(1), 39-58. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15172430200300010002&lng=pt&tlng=pt

- Araújo, C. A. S. (2003b). Winnicott e a etiologia do autismo: Considerações acerca da condição emocional da mãe. *Estilos da Clínica*, 8(14), 146-163. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282003000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Barbosa, A., Figueiredo, A., Viegas, M., & Batista, R. (2020). Os impactos da pandemia COVID-19 na vida das pessoas com transtorno do espectro autista. *Revista Da Seção Judiciária Do Rio De Janeiro*, 24(48), 91-105. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282003000100011&lng=pt&tlng=pt
- Betti, A. C. M. (2021). *Ocupações infantis e pandemia da COVID-19: A percepção das mães*. (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos,).
- Brasil, M. V., & Costa, A. B. (2018). Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: Diálogos possíveis? *Psicologia Clínica*, 30(3), 427-446. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A02>
- Brito, A. R., Almeida, R. S., Crenzel, G., Alves, A. S. M., Lima, R. C., & Abranches, C. D. de (2020). Autismo e os novos desafios impostos pela pandemia da COVID-19. *Revista de Pediatria SOPERJ*. Recuperado de https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/72.pdf
- Campana, N. T. C., Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2019). De quem é a preocupação primária? A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 31(1), 32-53. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A02>

- Carvalho, H. B. (2020). *Maternidade, ambiente e psicanálise: Um estudo dos atravessamentos culturais na maternidade contemporânea* (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília).
- Coelho, L. B., & Prudente, R. C. A. C. (2019). Função materna e função paterna uma vivência contraditória: Psicanálise e cultura. *Cadernos de Psicologia*, 1(1), 50-75.
- Constantinidis, T. C., Silva, L. C., & Ribeiro, M. C. C. (2018). “Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo. *Psico-USF*, 23(1), 47-58. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230105>
- Cortezia, F. S. (2015). Desamparo de mães de crianças autistas: Impacto das características de espectro do autismo na maternidade (Monografia de Especialização em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
- Dester, L. L. (2015). *Narrativas parentais sobre os sentidos do diagnóstico de autismo do filho* (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas).
- Donath, O. (2017). *Mães arrependidas: Uma outra visão da maternidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fadda, G. M., & Cury, V. E. (2019). A Experiência de Mães e Pais no Relacionamento com o Filho Diagnosticado com Autismo. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 35(Especial). Recuperado de <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe2>
- Ferreira, I. C., Costa, J. de J., & Couto, D. P. do. (2018). Implicações do diagnóstico de autismo para a vivência da maternidade. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 3(5), 431-448. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15936>

- Ferreira, M., & Smeha, L. N. (2018). A experiência de ser mãe de um filho com autismo no contexto da monoparentalidade. *Psicologia em Revista*, 24(2), 462-481. Recuperado de <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p462-481>
- Fortes, C. P. D. D., Vieira F., & Machado, L. C. (2020). Análise comparativa entre a saúde mental de responsáveis por pessoas com TEA e por crianças sem TEA na pandemia do COVID-19. *Residência Pediátrica*, 0(0).
- Gama, M. E. A. (2019). *Através do espectro: Redes de apoio de apoio social na vivência da maternidade atípica* (Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia).
- Garrafa, T. (2021). Primeiros tempos da parentalidade. In: D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs), *Parentalidade* (pp.55-70). Belo Horizonte: Autêntica.
- Gonçalves, A. P., Silva, B., Menezes, M., & Tonial, L. (2017). Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura. *Tempo psicanalítico*, 49(2), 152-181. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382017000200008&lng=pt
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2002). A preocupação materna primária especial. *Psicologia Clínica*, 14(2), 87-92.
- Granato, T. M. M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 157-163. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pe/a/8Vrkcz4wbyXxF9PDRGQty9P/?format=pdf&lang=pt>
- Granato, T. M. M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia & Sociedade*, 23(spe), 81-89. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400011>

- Guedes, I. V. M. (2012). *A relação mãe-bebê e a etiologia do autismo: Reflexões a partir da psicanálise winnicottiana* (Monografia da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília).
- Guimarães, J. B., & Tachibana, M. (2021). Conversando e desenhando com mães de crianças autistas: Investigação psicanalítica. *Subjetividades*, 21(2). Recuperado de <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i2.e8868>
- Herrmann, F. (2007). Teoria Dos Campos: Uma Pequena História. *Jornal de Psicanálise*, 40(73), 69-75. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352007000200004&lng=pt&tlng=pt
- Homercher, B. M., Peres, L. S., Arruda, L. F. dos S., & Smeha, L. N. (2020). Observação materna: Primeiros sinais do Transtorno do Espectro Autista. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(20), 540-558. Recuperado de <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52585>
- Iaconelli, V. (2020). *Mal-estar na maternidade: Do infanticídio à função materna*. São Paulo: Zagodoni.
- Klinger, E. F., Oliveira, D. P., Lopes, H. P., Meneses, I. C., Suzuki, J. S. (2020). Dinâmica familiar e redes de apoio no transtorno do espectro autista. *Revista Amazônia Science & Health*, 8(1), 123-137. Recuperado de <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/3112>
- Leite, C. A. (2017). O feminismo como resposta aos conflitos da maternidade: Não se nasce mulher, torna-se mãe. In: M. Menezes, O. Perez, & B. Johas (Orgs), *Discussões contemporâneas em ciência política* (pp.185-210). Teresina: EDUFPI.
- López, R. M. M. (2015). Identidade social: Mãe de autista. *Agenda Social*, 9(2), 106-118.

- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: Tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187-204.
- Machado, M. C. L., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2003). Sofrimento, sentido e absurdo: ilusão criativa e ação sobre o mundo. In: T.M.J. Aiello-Vaisberg, & F. F. e Ambrosio (Orgs), *Trajetos do sofrimento: Rupturas e (re)criações de sentido*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP.
- Miranda, J. J. de, Timo, A. L. R., & Belo, F. R. R. (2019). Crítica à teoria da maternidade em Winnicott: é preciso ser mulher para cuidar de crianças? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-14. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1982-3703003176863>
- Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS. Organização Mundial da Saúde - OMS (2020). Folha informativa – Covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Recuperado de https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875
- Pinelli, L. T. R. (2017). Entre o Agradecimento e o Padecimento: uma leitura psicanalítica das vivências de pais com o autismo dos filhos (Dissertação de mestrado Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá).
- Pinto, R. N. M., Torquato, I. M. B., Collet, N., Reichert, A. P. S., Souza Neto, V. L., & Saraiva, A. M. (2016). Autismo infantil: Impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(3), 1-9. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>
- Pizzo, G. M. (2021). *Narrativas maternas sobre o diagnóstico de autismo: Caminhos e impactos* (Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia).
- Roudinesco, E., Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Sanches, A. & Cardoso Jr, H. R. (2006). Ruptura De Campo: Proposta Clínica E Metodológica De Fabio Herrmann. [Texto completo]. In Universidade Estadual de São Paulo (Org), *Anais do XIX Encontro de Psicologia*. Assis, SP: UNESP.
- Santos, J., Machado, L. V., & Domingues, E. (2020). Um olhar psicanalítico acerca do autismo: revisão bibliográfica. *Estilos Da Clinica*, 25(2), 322-338. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2p322-338>
- Santos, J. B. da, Santiago, E., Lopes, E. R., Merighi, C., Duarten, A. G. G., & Cyrino, C. M. S. (2021). A vivência da maternidade em meio à pandemia. *Global Academic Nurse*, 2(1). Recuperado de <https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200095>
- Scavone, L. (2004). *Dar a vida e cuidar da vida: Feminismo e ciências sociais*. São Paulo: editora UNESP.
- Silva, J. F., & Bleicher, T. (2020). Trauma na epidemia brasileira de covid-19. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(3), 95-106. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2020000300009&lng=pt&tlng=pt
- Smeha, L. N., & Cezar, P. K. (2011). A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 43-50. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100006>
- Vieira, G., & Castanho, P. (2021). O lugar da esperança nas consultas terapêuticas de Winnicott: Uma perspectiva clínico-institucional. In I. F. da Motta, & C.Y.G. da Silva. (Orgs), *Esperança e contextos de saúde* (pp. 171-184). Aparecida: Ideias & Letras.
- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 108-139). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1971).

- Winnicott, D. W. (1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 55-61). Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 1965).
- Winnicott, D.W. (1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro “self”. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 128 – 139). Porto Alegre: Artmed Ed. (Originalmente publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 89-97) Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (1993). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 21-28). São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1996). L'autisme. In J. Johns, R. Sheperd, & H. T. Robinson (Orgs), *L'enfant, la psyche et le corps* (pp. 258-280). Paris: Éditions Payot & Rivages (originalmente publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1956).
- Winnicott, D.W. (2020). A contribuição da Psicanálise para a obstetrícia. In: *Bebês e suas mães* (pp.83-96). São Paulo: UBU editora. (Originalmente publicado em 1957).
- Zavaglia, M. M. F. (2020). A experiência vivida de mães de filhos diagnosticados como autistas e sofrimento social (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

Zimerman, D. (2008). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.